



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

MARIA HELENA DOS SANTOS SOARES

**ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DO ENVELHECIMENTO, DA
CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E DA MELANCOLIA**

Brasília
2013

MARIA HELENA DOS SANTOS SOARES

**ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DO ENVELHECIMENTO, DA
CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E DA MELANCOLIA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teorias Psicanalíticas.

Orientadora: Prof. MSc. Ciomara Schneider

Brasília
2013

MARIA HELENA DOS SANTOS SOARES

**ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DO ENVELHECIMENTO, DA
CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E A MELANCOLIA**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teorias Psicanalíticas.
Orientadora: Prof. MSc. Ciomara Schneider

Brasília, ____ de _____ de 2013.

Banca Examinadora

Prof. MSc. Maria Leonor Sampaio Bicalho

Prof. Dr. Gilson Ciarallo

Dedico este trabalho a minha família que foi meu maior incentivo, e fonte de inspiração para realização deste, especialmente pela compreensão e o estímulo que me proporcionou a força para continuar.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, que me deu força e sempre esteve ao meu lado, que é o responsável pela minha inspiração pela vida e também foi para este trabalho.

À minha querida orientadora, Ciomara Schneider, pela sua orientação e criatividade, pela sua escuta, que teve o "poder" de incitar minha criatividade e me acalmar quando a minha ansiedade me impedia de criar. Pela sua dedicação, carinho e compreensão. Muito Obrigada!

Agradeço a todos os professores que passaram pela minha jornada na Pós, em especial a professora Leonor Bicalho que considero ser a responsável pelo meu interesse pela psicanálise e pela clínica psicanalítica. Obrigada pela sua escuta admirável e pelas contribuições para este trabalho.

À minha família, meus pais, esposo, filhos, nora, netos, fontes da minha inspiração, obrigada pelo companheirismo, compreensão da minha ausência, incentivo ao meu crescimento profissional e acadêmico, sem vocês não seria possível a realização de mais esse sonho.

À todos os amigos que cultivei nesta jornada, e os guardarei no coração para sempre, pelo companheirismo nos momentos difíceis, pelas alegrias compartilhadas e pela motivação e apoio.

*Fui velha, fui jovem
Sou jovem, sou velha
Pensei que eu era uma,
olhei bem; eu era outra.
Resolvi olhar melhor...
Ah! Sou a mesma
Imensamente mais jovem
do que velha.
Maria Helena*

RESUMO

O presente trabalho constitui-se de um estudo bibliográfico sobre a constituição do sujeito, a melancolia e o envelhecimento. Propõe-se a partir da psicanálise discutir e propor reflexões de como se dá a partir da constituição do sujeito a chegada na fase do envelhecimento, e em que as consequências das perdas inerentes à essa fase podem alterar a sua forma de viver. Para tanto foi necessário descrever alguns modos de funcionamento psíquico do envelhecimento e discutir as possíveis relações entre a melancolia e as exigências impostas aos idosos, pelo modo de vida da sociedade atual. A revisão bibliográfica foi articulada com fragmentos do cinema (filme Elsa e Fred), bem como da literatura (os contos Simone Beauvoir: a idade da discricção e a mulher desiludida e escuta cotidiana). O estudo permitiu compreender que ser velho, no sentido negativo, é valorizar mais as perdas do que o ganhos, é deixar de ter perspectiva de vida melhor, e perder a alegria de estar vivo. E que a melancolia não está associada às perdas decorrentes da idade. E concluiu-se que as primeiras impressões que foram deixadas no sujeito na fase da sua constituição, vão direcioná-lo a uma formação estrutural que servirá de suporte para as fases seguintes da sua vida.

Palavras-chave: envelhecimento. melancolia. constituição do sujeito. psicanálise

ABSTRACT

This paper presents a bibliographic study on the constitution of the subject , melancholy and aging . It is proposed from a psychoanalytic reflections discuss and propose how to give from the constitution subject to arrival during the aging process , and consequences of the losses inherent in this phase can change your way of living. Therefore it was necessary to describe some modes of psychic functioning of aging and discuss the possible relationship between melancholia and the demands of the elderly , the way of life of modern society . The literature review was combined with fragments of film (film Elsa and Fred) and literature (tales Simone Beauvoir : the age of discretion and women disillusioned and everyday listening . Study allowed us to understand that being old , in the negative sense , is value more losses than gains, is bound to have better perspective on life , and lose the joy of being alive . and that melancholy is not associated losses due to age . and it was concluded that the first impressions that were left the subject in the start-up phase , will direct you to a training structure that will serve as support for the next phase of your life .

Keywords : aging. melancholy. constitution of the subject . psychoanalysis

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO	13
1.1 A questão da melancolia	18
1.2 Melancolia e depressão - questões da atualidade	22
2 O ENVELHECIMENTO	24
2.1 O que é o envelhecimento	26
2.2 A velhice e seus termos	28
2.3 O envelhecer e o sujeito	29
2.4 O envelhecer e suas perdas	33
3 REFLEXÕES E ARTICULAÇÕES DA PSICANÁLISE COM FRAGMENTOS ILUSTRATIVOS	38
CONCLUSÃO	46
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do sujeito é consequência de vários acontecimentos vivenciados do seu nascimento até o final de sua vida. Esses por sua vez têm um poder de desvelamento do sujeito durante essa trajetória. As inscrições na primeira fase da vida têm uma importância fundamental na constituição do sujeito, o qual será sempre permeada na sua relação com o outro. Seja nos seus primórdios promovendo num primeiro momento uma relação de simbiose psíquica com a mãe e depois com a entrada do terceiro, como forma de introdução desse sujeito ao mundo.

As várias fases da vida impõem ao sujeito a se defrontar com alguns desafios, os quais nem sempre ele se encontra em condições para enfrentar. O envelhecimento por exemplo é uma fase permeada por conflitos e mesmo sendo uma consequência natural da vida, algumas vezes o sujeito não tem a plasticidade necessária para superá-los.

Envelhecer é um processo múltiplo e complexo com várias mudanças e que, apesar de ainda em alguns momentos trazer uma conotação de declínio, doenças, desgaste, aproximação do fim da vida, envelhecer nos dias atuais não significa mais ficar estagnado, pois o desenvolvimento é concebido como processo contínuo e se dá até o fim da vida.

Porém atender as demandas e expectativas de produção que são exigidas nos dias atuais pode levar os velhos a um sentimento de não pertencimento ao meio, no qual eles vivem. A falta de um papel social, a adequação a novos papéis, as perdas econômicas, do poder de decisão, a perda de amigos e parentes, de independência e autonomia, a diminuição do contato social, são perdas que influenciam o modo de viver.

Assim com essas perdas, o tempo pode ser um fator que requer uma grande reflexão, porque sob a ótica de alguns autores psicanalistas o sujeito não envelhece. Para eles a velhice está associada ao sentido do inconsciente que é atemporal, ou seja, não tem a passagem do tempo, os conteúdos do inconsciente não estão ordenados pelo tempo e nem são regidos por ele, sendo assim, não sofrem nenhum desgaste pela ação deste.

O conflito entre um corpo que envelhece e um inconsciente que permanece intacto reflete no sujeito uma condição, a qual ele não está preparado para encarar. Esse e outros conflitos podem levá-los a sentimentos de tristeza, desamparo e isolamento social e, algumas vezes, pode ter como resultado final a antecipação do fim da vida, o que pode reiterar o surgimento de traços melancólicos que são comuns nesta fase da vida.

Os traços característicos da melancolia estão manifestos através dos sentimentos de desânimo, baixa auto-estima, perda de interesse pelo mundo externo que são experiências comuns em virtude das diversas perdas decorrentes dessa fase da velhice. Na melancolia a perda não pode ser reparada, ou seja, o sujeito não a aceita. Ele sabe que perdeu, mas não compreende o que perdeu com esta perda. Nesse movimento o sujeito se identifica com o objeto perdido e os resultados podem ser devastadores para suas vidas.

Ao perceber que a entrada na velhice não está diretamente ligada à idade cronológica do sujeito, e sim, em como o sujeito vê as emoções que persistem dessa fase da vida. Uma fase permeada por muitas perdas e que exige do sujeito uma maior plasticidade, para um enfrentamento saudável da velhice.

O presente estudo se propõe introduzir a compreensão de como a partir da constituição do sujeito se dá a chegada na fase do envelhecimento, e que consequências das perdas inerentes à essa fase podem alterar a sua forma de viver.

Os objetivos desse trabalho correspondem a uma tentativa de compreender o envelhecimento a partir da constituição do sujeito proposta pela psicanálise. Descrever alguns modos de funcionamento psíquico do envelhecimento e discutir a possível relação entre a melancolia e as exigências impostas aos idosos, pelo modo de vida da sociedade atual.

Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma revisão bibliográfica referente aos temas propostos no estudo, articuladas com fragmentos ilustrativos, propondo uma reflexão sobre o envelhecimento, suas perdas e conquistas.

Os casos ilustrativos foram retirados do referencial teórico pesquisado, do cinema, de uma cena do filme *Elsa e Fred*, da literatura, dos contos de Simone Beauvoir, *a idade da discricção* e *a mulher desiludida*, e de experiência de escuta cotidiana. Esse trabalho não propõe a análise dos relatos aqui expostos, mas teve o intuito de incitar reflexões em pesquisadores e pessoas que se interessam pelo tema.

A possibilidade dessas reflexões vêm ao encontro da riqueza proporcionada pelos construtos da psicanálise, a qual busca uma atualização no que tange aos diferentes modos de subjetivações apresentados pelo sujeito contemporâneo.

Como o envelhecimento está cada vez mais presente em nossa atualidade, esse trabalho torna-se de grande importância, pois traz um novo olhar para o envelhecer e também, fomenta novas ideias e possibilidades para o sujeito poder envelhecer com mais qualidade de vida.

O presente trabalho foi estruturado em 3 capítulos. No primeiro capítulo, a partir de um levantamento bibliográfico será trabalhado a constituição do sujeito e suas conseqüências, enfatizando a melancolia em seus primórdios e nos tempos atuais. O segundo capítulo proporciona um estudo aprofundado sobre o envelhecer tomando esse sujeito como metáfora ao revelar a sua complexidade. No terceiro capítulo, são apresentados casos ilustrativos e reflexões sobre o tema do estudo.

1 A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

A formação do sujeito é permeada pela sua relação com o outro. O seu primeiro momento se dá com a presença constante da mãe, que funciona como um prolongamento da própria criança, onde não há delimitações de onde começa um e termina o outro, ilusoriamente “a relação perfeita, eu sou tudo para ela, e ela é tudo para mim”. A comodidade de dar continuidade a essa relação poderia ser perfeita não fosse o assassinato da criança enquanto sujeito, pois assim não lhe seria permitido o encontro com a vida, com o social, com a lei e a loucura poderia tomar conta do seu ser (FREUD,1924/2006; LACAN, 1957/1995; QUINET, 2003, grifo nosso).

Na fase de identificação com a mãe, a criança se torna parte dela na medida que ainda não tem maturidade psíquica e biológica para reconhecer-se excluída. Com o passar do tempo, a criança começa a reconhecer sua imagem construída inicialmente pelo investimento da mãe, onde ela é a continuação de si e depois podendo reconhecer-se como inteiro independente dela (CUKIERT; PRISZKULNIK 2002).

Ao se deparar com um corpo completo, a imaturidade biológica infantil não permite a realização consciente dessa imagem, ou seja, esta primeira experiência se perde ou se aliena na imagem do outro. É no outro que se faz a identificação, é nessa dependência a uma existência do outro que se pode dizer que o sujeito se torna alienado. "Nesse sentido, é através do outro que a criança aprende a se reconhecer. Isto implica em pensar que seu desejo, tal como seu corpo, não é inicialmente vivido como seu, mas projetado e alienado no outro" (CUKIERT; PRISZKULNIK 2002, p.147).

No processo de identificação a criança assume uma imagem de si mesma, porém essa não se limita a isso, pois a criança dificilmente se enxergará com seus próprios olhos, mas sempre com os olhos do Outro. Sendo assim, a imagem que é transmitida pelo Outro é na verdade o que é construído pelo sujeito e deixa clara a questão da alteridade, ou seja, o sujeito é formado a partir do mundo externo, do outro, do social. Essa primeira imagem no espelho, que pode também ser intermediada pelo Outro se origina no momento em que a criança consegue diferenciar seu corpo do mundo externo e ele então inicia uma experiência de vivenciar o que é do eu e o que não é (CUKIERT; PRISZKULNIK 2002).

Dor (1995) explica que, o estágio do espelho é uma experiência de identificação fundamental onde a criança faz a conquista da imagem do seu próprio corpo, e assim, promove a estruturação do eu. Porém no primeiro momento esse acontecimento não tirará a criança do assujeitamento da função materna. Somente com a passagem pelo complexo de Édipo que ela poderá se livrar dessa relação de simbiose psíquica com a mãe ao inserir-se no mundo.

Para Freud (1924/2006) a passagem pela fase do complexo de Édipo através da castração direcionará o sujeito à determinadas estruturas. No início seria mãe-criança, onde a criança se veria como prolongamento da mãe, sendo o objeto de desejo da mãe, e depois se daria a entrada do pai nessa relação. Onde o movimento perfeito seria a criança aceitar a castração, para não perder o amor da mãe e assim identificar-se com o pai que também é desejado pela mãe.

Mucida (2006) relata que, com base nos conceitos freudianos sobre desenvolvimento, que as primeiras marcas deixadas no sujeito pela intervenção do Outro nunca se perdem, e pelo contrário, se constituem em um conjunto que servirá para atrair outros traços

Na passagem do complexo de Édipo, a criança tem de se colocar como objeto fálico que é capaz de ocupar a falta da mãe, ou seja, se colocar no lugar de desejo da mãe assujeitando-se a essa posição. "A criança se apresenta a mãe como lhe oferecendo o falo nela mesma em graus e posições diversos. Ela pode se identificar com a mãe, se identificar com o falo, ou apresentar-se como portadora do falo" (LACAN 1957/1995, p. 230)

Quinet (2003) explica que as fases do Édipo são relidas por Lacan, evidenciando que a criança passa a se reconhecer pela presença do Outro, originando daí a metáfora do estádio do espelho, simbolizando que a partir da linguagem ela não necessita mais da presença do outro para nomeá-lo. "A mãe podendo ser simbolizada por uma palavra, passa de um estatuto de objeto primordial ao de signo. A relação da mãe com a criança deixa de ser imediata, pois há uma medição simbólica pela linguagem" (QUINET, 2003, p. 11).

Essa simbolização não será produzida por si só, para que ela seja introduzida é necessário um acontecimento primordial e imprescindível pela presença de um terceiro que vai introduzir a lei, livrando a criança dessa união importante inicialmente, mas caso se perpetue pelo desenvolvimento, poderá trazer estragos para o sujeito. Esse terceiro se introduzirá a partir do discurso da mãe introduzindo a função paterna, e a criança perceberá "[...] que o desejo da mãe também se encontra em outro local e que por sua vez, também é submetida a uma lei" (QUINET, 2003, p.11).

Essa lei é a interdição necessária, a entrada do terceiro que terá o papel de mostrar a criança que ela é objeto de amor da mãe e detentor do falo, o todo poderoso detentor da lei e estipula que a relação simbiótica entre criança e mãe não pode prosseguir dessa forma. A criança ao perceber que o olhar da mãe se volta

para o pai, se identifica com ele para também receber esse olhar, esse amor (DOR, 1994).

Assim o que antes era a simbiose psíquica, se transforma em uma triangulação onde a função paterna será inscrita como livramento da submissão da criança ao Outro que não configurava uma lei legalizada, e sim, uma lei de capricho. A entrada do terceiro promove a castração e tem a função estruturante na constituição do psiquismo do sujeito.

Um movimento com êxito para a constituição do sujeito seria a aceitação da lei, ou seja, a inscrição da linguagem, a introdução do social. Assim o desfecho natural do complexo de Édipo teria sido atingido. Na neurose, o sujeito ao deparar com a ausência do falo de sua mãe, ou seja, com a falta de onipotência dessa lei, se posiciona e admite a lei imposta por seu pai, aceita a castração, renuncia e anula seu desejo. O processo de castração concretizado será o triunfo da metáfora paterna (QUINET, 2003; DOR, 1994).

No caso de haver uma falha, alguma coisa não funcionou, houve uma falha na castração. Fica a ausência do significante nome do pai, ou seja, a forclusão do Nome-do-Pai. A castração não se realizou, ou mais que isso, a criança não a simbolizou, e passa a funcionar autônoma e como se ela nunca estivesse existido. Surge aí a possibilidade de uma psicose.

Com este *acidente*, que é a forclusão do “significante primordial”, ou do significante Nome-do-Pai, como Lacan também o denominou, desorganiza-se a relação do sujeito com a Ordem simbólica e como consequência, altera-se o registro do Imaginário, acarretando profunda modificação na estrutura narcísea. Nestas circunstâncias, o “sujeito” (que no momento não chega a sê-lo) é lançado numa regressão à fase do espelho, vê-se num vazio que decorre da fragmentação da imagem corporal.
[...] É num acidente deste registro que do que dele decorre, a saber a forclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro, e no fracasso da metáfora paterna que nos designamos o defeito que dá à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose”. (SOUZA FILHO, 1988, p. 69, grifos do autor)

Diante do exposto, percebe-se que a inscrição da metáfora paterna que é levada ao sujeito pelo discurso da mãe, vai desencadear a possibilidade de subjetivação do sujeito.

A forclusão na psicose corresponde ao recalque ao neurótico. O recalque funciona com uma proteção, um limitador, uma proteção do seu inconsciente. Enquanto a forclusão o deixa o sujeito desprotegido e ao mesmo tempo fixo “no Real”, não oportunizando o sujeito a simbolização dos seus desejos.

A constituição do sujeito perpassa pela triangulação, ou seja, a entrada da lei e limite que é característico da função paterna. Todavia se ela não acontece, fica a falha, o vazio, e este precisa ser preenchido, por isso são comuns os delírios e alucinações, que na verdade se manifestam como forma de procura incessante de completude, de suprir a falta. A constituição do sujeito é complexa e perpassada por fases de primordial importância que favorecem a estabilidade de vivências posteriores. Quando a falhas acontecem, o sujeito não consegue se colocar no mundo naturalmente, pois continua preso as primeiras experiências, com dificuldades de seguir como ser independente do Outro. Esse não reconhecimento de um eu para além do Outro o paralisa, impossibilitando-o de seguir em frente.

No decorrer do desenvolvimento do psiquismo surgem vários desafios, que certamente impõe ao sujeito uma plasticidade, a qual nem sempre estará habilitado para experienciar. Enfrentar essa trajetória que é permeada por perdas e ganhos, que caracterizam de um modo geral a vida de todo ser humano é uma tarefa desafiadora, a qual evoca sua necessidades, demandas e desejos.

1.1 A questão da melancolia

Em muitas situações da vida o sujeito se depara com momentos de perdas e desilusões que o paralisam, e assim, acaba por perder o controle dos seus sentimentos, ficando imerso numa infelicidade tal, que viver já não é primordial e se transforma até em sacrifício. Tristezas provenientes de perdas podem levar o sujeito a conviver com dias obscuros, que os afastam do convívio com as pessoas, provocando um desejo de desistir de viver. É como se no meio naturalmente exposto a perdas e ganhos, as perdas tivessem um valor muito maior que os ganhos. Poderíamos chamar esses sentimentos de melancolia?

A palavra melancolia, provém do "Latim *melancholia* e do Grego *melankholia*, "tristeza". Literalmente, queria dizer "bile negra", pois *melané* queria dizer "negro" e *kholé*, "bile" (ORIGEM DA PALAVRA- SITE DE ETIMOLOGIA, 2007, grifos do autor).

A expressão melancolia apareceu inicialmente na Grécia no século IV a.C.. Este termo está associado com as propostas iniciais dos pensamento grego sobre as explicações sobre o homem e sua organização, que formulava que "[...] a natureza compreenderia quatro estações, e a matéria, quatro qualidades fundamentais (o calor, o frio, o seco e o úmido)" e que o homem era constituído por estes elementos (EDLER, 2008, p. 20).

Segundo Edler (2008), nesse mesmo período Hipócrates enunciou a sua teoria dos humores que teria também quatro norteadores o sangue, a linfa, a bile negra e a bile amarela. O fato da pessoa estar ou não doente estavam relacionados as alterações dessas substâncias no organismo. No caso a melancolia, estaria

associada ao desequilíbrio aumentado da bile negra e seu indício mais claro era a tristeza.

O termo melancolia também antes de chegar a discussão freudiana em "Luto e Melancolia", percorreu a cultura ocidental desde Aristóteles como "[...] signos de sensibilidade, originalidade, nobreza de espírito e outras qualidades que caracterizam o gênio criador", porém Freud apresentou a melancolia sob outro aspecto e mostrou a lado não atraente desta (KEHL, 2009, p.40),

Freud reflete sobre as perdas que acontecem no decorrer da vida e faz diferenciações do luto e da melancolia e explica que para existir um luto é necessário ter existido uma perda, que pode ter sido, um ideal, uma pessoa ou algo material. A perda de um objeto amado causa muito sofrimento e dói na alma e, este insiste em se manter onde sempre esteve. Internamente a pessoa que passa pelo luto continua investindo neste objeto e precisa percorrer todas as ligações que o levam a ele (FREUD, 1917/2006).

Freud (1917/2006) explica que apesar deste investimento, o sujeito é todo tempo levado a passar pelo teste da realidade revelando que o objeto amado não existe mais, passando a exigir que toda a libido seja retirada de suas ligações com o objeto, mas o que é mais comum é prevalecer na realidade e iniciar o desprendimento do objeto, e nesse caso, o objeto é internalizado, não sendo necessário um objeto externo que o represente.

Na melancolia acontece um movimento diferente, pois o sujeito permanece ligado ao objeto que perdeu, numa certeza imaginária de perda e esta não pode ser reparada. Existe a impossibilidade de se desvencilhar do objeto, ou seja, não aceita a perda, diante disso ele vivencia uma imensidão de momentos de sofrimentos inexplicáveis (CARDOSO; PARABONI, 2010).

O sujeito perde o interesse pelo mundo externo que vai além atividades cotidianas, perde a vitalidade o interesse pelas pessoas e a capacidade de relacionar-se. Além desse desligamento do mundo externo existe um rebaixamento no sentimento sobre si.

Os traços distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 1917/2006, p. 250)

Lambotte (1997) em suas contribuições sobre o discurso melancólico diz que o sujeito melancólico se autodeprecia, autocensura, costuma se comparar com modelos negativos tais como criminosos, monstros, é surdo a apelos externos, não se sensibiliza, nada o comove. Geralmente a pessoa melancólica não se reconhece pertencente ao mundo, vive as margens das lei de viver, se sente estranho junto as outras pessoas.

Um movimento normal libidinal seria explicado pelo deslocamento da libido para outro objeto substituto, porém não acontece. Nesse caso, o sujeito se identifica com o objeto. A identificação seria o mecanismo pelo qual são trazidos os restos do outro/objeto e o sujeito se transforma nele. "Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego" (FREUD, 1917/2006, p. 254).

Freud (1925/2006) explica que o efeito da conversão da libido objetal em uma libido narcísica ocorre quando uma catexia do objeto, ou seja, quando um investimento de energia mental no objeto é substituída por uma identificação. Essa transformação da libido do objeto em libido narcísica pode levar a uma ruptura do eu. "Quando acontece uma pessoa ter que abandonar um objeto sexual, muito amiúde se segue uma alteração do seu Ego que só pode ser descrita como

instalação do objeto dentro do ego, tal como ocorre na melancolia" (FREUD, 1923/2006, p. 42).

Para Quinet (2009), não é raro que durante a fase da melancolia o sujeito possa provocar o seu próprio assassinato, pois viver com essa perda se torna insuportável. Em seus delírios, se sente o pior de todos os seres, a pessoa que precisa sofrer, que não merece o melhor. Quando busca o suicídio com maior frequência é na tentativa e propósito por fim ao um ser insignificante, que não serve para nada nem para ninguém.

O melancólico não acredita que viver seja natural, é como se no confronto com a realidade, se pensar que a vida é protegida por algo que a torne mais leve para ele é como se esse algo não existisse, ele então estivesse sempre desprotegido, ou seja, viver sempre acarreta em um peso, um sacrifício (EDLER, 2008).

Lambotte (1996) explica a partir da metáfora do espelho usando a moldura vazia, que é como se esse sujeito não tivesse encontrado o olhar do Outro, o olhar que repousou sobre ele não o viu verdadeiramente, e com isso não atribui contornos a esse corpo, possibilitando sua inscrição.

Ora, tudo se passa como se o sujeito melancólico se tivesse encontrado diante de uma moldura vazia, dentro da qual houvesse não imagem, mas simplesmente nada. E sem dúvida o "eu não sou nada" do sujeito melancólico atesta essa experiência traumática, significando ao mesmo tempo o colapso da imagem especular e a condenação do destino. [...] disso resultará para ela uma fixação uma fixação mortífera na mera moldura vazia, no mero ideal do eu desesperadamente inacessível. (LAMBOTTE, 1996, p. 328, grifo do autor)

O sujeito melancólico então, vivencia um modo de prisão nesse lugar de espera do olhar que o atravessou sem vê-lo, que não o inscreveu no mundo para que pudesse ser, simplesmente ser. Por isso ele permanece alienada ao Outro, ao objeto. Com seu eu fragilizado o ideal do eu, ficou impedido de aflorar. Nesse caso pode-se pensar que esse eu frágil, pode ser tomado a qualquer momento pelo objeto.

1.2 Melancolia e depressão - questões da atualidade

Mesmo na atualidade a melancolia ainda pode ser denominada como uma forma mais grave depressão, mas não é. A depressão e a melancolia não advêm da mesma estrutura psíquica, portanto por mais que alguns sintomas sejam parecidos, depressão não é a mesma coisa (KEHL, 2009).

Lambotte (1996) diz que o sujeito melancólico diferente do depressivo não consegue refletir sobre a origem da sua tristeza e vive imerso em seu silêncio, sem perspectiva de mudança, uma paralisia que o prende num mais obscuro lugar onde a vida é vista sem atrativos capazes de tirá-lo dessa inércia, afastado das possibilidades externas, sem interesse de aliviar o sofrimento acreditando que a vida é assim mesmo.

Kehl (2009) coloca a depressão como sendo um sintoma do mal estar do século XXI, ligado ao saber médico que tem a medicalização como fator certo de sua cura. Sintomas como tristeza não cabe numa sociedade que onde o que se oferece nada mais é do que a receita da felicidade, portanto medicalizar essa população torna-se necessário visto que a tristeza é um defeito, pessoas são impedidas de ficar tristes e têm a obrigação de serem felizes.

O sujeito perde o direito de sentir, o tempo de simbolização do luto por perdas pega um atalho na medicalização, ou seja, o sujeito torna-se alienado na demanda do "pra já".

O imediatismo, o consumismo, as relações "descartáveis", o dever de estar bem, jovem, bonito, o novo coloca o velho numa posição de renovação constante e que é impossível de acompanhar. É impensável pensar hoje na valorização do velho no sentido de passar suas experiências para as próximas gerações, pois tudo muda tão rápido, num movimento constante de imposição de adequação do sujeito, que o

passado é visto sempre como ultrapassado. Como então pensar o velho na atual composição de sociedade que se vive?

É fato que durante o percurso da vida as pessoas passam por perdas, mas fica claro que na fase do envelhecimento, estas se acentuam, tornando esse período menos atrativo para alguns. Tentar entender a dinâmica psíquica do sujeito que percorre todo o processo do envelhecimento é tão importante quanto o desafio de compreender por que essas perdas trazem um sentimento tão forte e destruidor para os que vivem essa fase.

2 O ENVELHECIMENTO

O envelhecimento é uma consequência natural da vida. Envelhecer é um processo múltiplo e complexo com várias mudanças e que, apesar de ainda trazer uma conotação de declínio, doenças, desgaste, aproximação do fim da vida; envelhecer nos dias atuais não significa ficar estagnado.

O crescimento dessa categoria trouxe consequências para a sociedade, as quais levaram a necessidade de conhecer e entender como ocorre esse processo em suas várias particularidades (NÉRI, 2001). A partir desse acontecimento começaram a aparecer reflexões e pesquisas em relação à velhice na intenção de desenvolver uma ciência voltada para o processo de envelhecimento (NETTO, 2002; MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001).

Essas reflexões e pesquisas possibilitaram estabelecer, em diversos níveis, o aumento de informações referentes a este tema. Netto (2002) explica que os conhecimentos obtidos com a gerontologia (estudo da velhice), fomentou pesquisas sociais, psicológicas e biológicas que tiveram primordial importância, pois elas conduziram à possibilidade de entender as diversas vertentes, limites e complexidades que são enfrentadas por este processo do envelhecer.

Vários são os fatores que contribuíram para o crescimento do número de pessoas idosas, entre eles estão o declínio da taxa de fecundação e uma diminuição da taxa de mortalidade (CAMARANO, 2002).

A redução da mortalidade na visão de Mazo, Lopes e Benedetti (2001), se deu por causa do avanço tecnológico que promoveu a invenção de novos tratamentos de saúde e criação de medicações como vacinas e antibióticos; e a diminuição da taxa de natalidade devido ao acesso aos programas de saúde e educação promovidos pelos processos de urbanização e industrialização. No Brasil

houve um declínio na taxa de fecundação em torno de 60% entre 1960 a 1996 e esta foi uma das influências mais importantes para o envelhecimento populacional (RODRIGUES; RAUTH, 2002).

Tratado como um acontecimento mundial o crescimento populacional de idosos ocorre em um nível muito avançado. Em 1950, havia cerca de 204 milhões de idosos no mundo. Em 1998, menos de cinco décadas depois, esse número alcança 579 milhões de pessoas; um crescimento mundial de quase oito milhões de idosos por ano (IBGE, 2002).

Dados do IBGE (2008) revelam em sua pesquisa, projeções da população brasileira, que os avanços da medicina e melhorias nas condições gerais de vida da população trouxeram possibilidades no aumento de expectativa de vida do brasileiro que passou de 45,5 anos de idade, em 1940, para 72,7 anos em 2008 e a projeção para 2050 é que a média continuará aumentando e pode alcançar um patamar de 81,29 anos.

Estimativas de projeções populacionais baseadas no Censo de 2010, revelam que até 2060, o número de brasileiros com mais de 65 anos deve ser quatro vezes maior que o atual, devido a expectativa de vida, o que confirma a propensão já indicada por demográficos. Segundo o IBGE a população de idosos atual que é de 14,9 milhões deve atingir em 2060 58,4 milhões, o que significa em percentuais passar de 7,4% do total da população, para 26,7%. As projeções que apontavam em 2008 uma expectativa de vida de 81,29 anos, em 2060 passa para 84,4 anos.

É fato que o interesse no processo de envelhecimento se deu a partir do aumento populacional de idosos. Esse aumento desperta atenção de pesquisadores,

observando-se, também no Brasil, um crescente interesse pelas questões ligadas ao envelhecimento (NETTO, 2002).

Visto essa necessidade surge então a geriatria ou estudo da clinica da velhice, um novo campo da medicina criada pelo médico vienense Ignatz L. Nascher, em 1930, que promoveu as pesquisas sociais e psicológicas sobre o envelhecimento e, portanto, foi chamado de o "pai da geriatria". A necessidade de ver a velhice com um olhar multidisciplinar verificando não só aspectos biológicos, mas também culturais, levou a novas pesquisas. Novos conhecimentos surgiram e deram origem a ramificações na ciência que estuda os aspectos relacionados ao envelhecimento, surgiu então, a gerontologia, que em conjunto com a geriatria atuam sobre o envelhecer e suas consequências (NETTO, 2002, grifo nosso).

Envelhecer é atualmente um tema que tem grande relevância mundial e, a complexidade que o envolve vem sendo explorada como uma busca de entender as vivências relacionados a esse momento da vida que muitas vezes é permeado por perdas e também por conquistas. Questões como o que é o envelhecimento, como as pessoas envelhecem e quais os conflitos envolvidos nestas questões serão debatidas a seguir.

2.1 O que é o envelhecimento

Netto (2002, p. 10), conceitua o envelhecimento como sendo “um processo dinâmico e progressivo”. Este está influenciado pelas perdas e ganhos que o sujeito possa enfrentar e que será determinado pelas mudanças que vão acontecer no decorrer da sua vida nos aspectos físicos, psicológicos e biológicos.

Mendonça (2007, p.179), diz que o envelhecimento é um processo natural e gradual fazendo parte do ciclo de vida biológico. “Ele é inerente a todos os seres

vivos: começa com o nascimento, prossegue com o desenrolar da vida e termina com a morte”.

O envelhecimento refere-se a uma função fisiológica e de comportamento social. Não está necessariamente vinculada à idade cronológica que é o limite de idade que designa o idoso, afirmando-o como tal. Segundo Netto (2002, 2007) a idade cronológica que define o indivíduo como idoso nos países subdesenvolvido é de 60 anos e nos países desenvolvidos 65. Outros aspectos são relevantes para esta demarcação que são; gênero, classe social, história passada e contexto socioeconômico. Existem diferenças funcionais entre indivíduos de mesma idade cronológica, o que mostra que só a idade cronológica é insuficiente para determinar o envelhecimento (CORAZZA, 2001).

Corazza (2001), ainda define a idade biológica como mudanças fisiológicas que ocorrem com o indivíduo, sendo que, esta nem sempre acompanha a idade cronológica, que pode estar em um patamar diferente e que pode ser influenciada pelo estilo de vida, tais como, hábitos saudáveis, se possuem ou não riscos para apresentar algum tipo de doença cardiovascular, etc.

Já a idade psicológica refere-se à capacidade do sujeito de se ver ativo e participante, além da forma como se avalia nessa transição de alterações biológica, cronológica e está relacionada com a auto-estima, memória e aprendizagem. A idade social está relacionada a marcos sociais, tais como: menarca, menopausa, aposentadoria, que muitas vezes são rígidos; são comportamentos esperados que estão vinculados a cada história da sociedade (NETO, 2002/2007; CORAZZA, 2001).

Mucida (2006) diz que cada sujeito envelhece a seu modo, o destino da velhice é singular, mesmo que o tempo mostre ao sujeito que a sua idade

cronológica está avançada, ele a vivenciará de modo particular, portanto demarcar a hora e tempo de envelhecer torna-se incoerente.

2.2 A velhice e seus termos

Várias são as terminologias usadas para definir as pessoas que chegam a senescência. Os termos designados às pessoas envelhecidas trazem significados diferentes. O termo velho pode trazer uma conotação pejorativa e pode estar associado a desgaste, incapacidade, a algo não valorizado, inútil (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001). No dicionário da Língua Portuguesa (Aurélio, 2001) velho significa: “antigo, gasto pelo uso, obsoleto”.

Ser velho dentro da nossa cultura é acima de tudo estar excluído de lugares socialmente importantes. Pode estar, por exemplo, relacionado à exclusão do trabalho, este fato por si só, já obriga o velho a se afastar de várias outras dimensões sociais, dessa forma, ser velho traz a conotação de improdutividade (MERCADANTE, 2007).

Já idoso é um termo considerado valorizador das pessoas com mais idade e está relacionado aos direitos obtidos por elas. Ele passa a ser empregado principalmente, a partir de políticas sociais voltadas para estes sujeitos, com leis próprias para representá-los, dando, a saber, que essa lei determina, que pessoas com mais de 60 anos são consideradas idosas. Portanto o termo idoso traz a conotação de pessoas que tem a possibilidade de ter seus direitos assegurados (MAZO; LOPES; BENEDETTI, 2001; LEI Nº 8.842, DE 4 DE JANEIRO DE 1994).

O termo terceira idade é inicialmente incluído no Brasil pelo SESC quando se criou as Escolas Abertas para Terceira Idade. Este termo é usado em diferentes projetos e instituições governamentais e não governamentais, em programas para indivíduos nesta fase da vida.

Mazo, Lopes e Benedetti, (2001, p. 55) dizem que:

[...] terceira idade representa a velhice como uma nova etapa da vida, expressa pela prática de novas atividades sociais e culturais. A representação de estar na terceira idade está vinculada à nova imagem de envelhecimento, onde os indivíduos com idade avançada constroem novos significados, que favorecem a participação social, autovalorização, convívio com suas perdas e suas transformações.

Apesar dessas classificações não é possível dizer que um sujeito de 80 anos é mais velho que um de 70 e que este por sua vez seja mais velho que um de 60, pois é a partir de sua vivência, de traços adquiridos na sua constituição que indicará seu modo de ver e viver essas idades. A pessoa pode chegar aos 80 anos e não ter passado pela velhice (MUCIDA, 2006).

Por isso o cuidado a ser formado ao se referir às pessoas que chegam a uma idade mais avançada, porque esses termos estão vinculados à cultura, ao contexto social e histórico em que estes sujeitos estão inseridos, além mesmo do fato do "lugar" do idoso no próprio contexto familiar.

A reflexão sobre o sentir-se "velho", leva algumas pessoas a não se sentirem velhas, pois muitos continuam tendo a mesma disposição para fazer as coisas que sempre fizeram, mas por estarem envelhecidas, por portarem a idade que as classifica como idosas, começam a ser tratadas de forma diferente da qual estão habituadas, e isso pode levá-la a crer que estão velhas, influenciado seu jeito de pensar e agir (SILVA; GÜNTHER 2000, grifo nosso).

2.3 O envelhecer e o sujeito da psicanálise

"A velhice não é um processo como o envelhecimento, é um estado que caracteriza a posição do indivíduo idoso" (MESSY, 1992, p. 23).

Messy (1992), explica que essas posições são marcados pela relação que o sujeito tem com o mundo que o cerca. Exemplos seriam a aposentadoria, tornar-se

avós, porque mesmo que essas pessoas não sejam velhas, por alguém eles são considerados, os avós pelos seus netos, os aposentados pela sociedade. Sendo assim a velhice não designaria a pessoa velha mas sim, uma demarcação de posição que o indivíduo ocupa.

A literatura traz diferentes teorias do envelhecimento, que buscam explicar os fatores biológicos e culturais, psicológicos e sociais sobre o envelhecer e também contribuir para a construção do conhecimento, no intuito de melhorar a compreensão dos fenômenos relacionados a esta fase da vida.

Neri (2001, 2002) defende que o parâmetro social é indiscutivelmente o critério adotado, para definir momentos e alterações do movimento do ciclo da vida dos indivíduos. Essa idéia é compartilhada com vários teóricos cientistas que estudam o desenvolvimento humano. Apesar da idade cronológica não ser um indicador de envelhecer para registrar alterações decorrentes do desenvolvimento, o fator cronológico tem seu peso, tendo em vista, o fato social da questão, e diz: “o critério cronológico funciona como ponto de referência e como elemento organizador, uma vez que vivemos num mundo temporalizado” (NERI, 2002, p. 43).

Teorias do desenvolvimento consideravam a velhice como uma fase de declínio, onde o sujeito não apresentava novas aprendizagens, pois estas aconteceriam somente nas primeiras fases da vida destes. Porém houve a necessidade de expandir as pesquisas, pois apesar do envelhecimento apresentar algumas perdas, essas não eram unilaterais, o fenômeno se apresentava muito mais complexo, pois em todas as idades vividas pelo sujeitos as suas experiências, suas histórias estão sendo escritas, não desconsiderando as inscrições anteriores (FONSECA 2007; MUCIDA 2006; MESSY 1992).

Freud inicialmente tinha uma visão muito negativa sobre as pessoas velhas, e ao enumerar indicações e contra-indicações ao tratamento psicoterapêutico, defendeu a idéia de que a idade do paciente desempenhava um papel importante, apresentando a seguinte contribuição:

[...] nas pessoas próximas ou acima dos cinquenta anos, costuma faltar, de um lado, a plasticidade dos processos anímicos de que depende a terapia - as pessoas idosas não são educáveis -, e, por outro lado, o material a ser elaborado prolongaria indefinidamente a duração do tratamento. (FREUD, 1905/2006, p. 250)

Porém a própria experiência de vida de Freud mostrou que a idade não seria barreira para sua criação, ele não parou, continuou sua produção dando continuidade a teoria psicanalítica, mesmo com a idade muito avançada. (MESSY, 1999).

Mucida (2006) diz que a velhice não tem nada a ver com idade cronológica, e que esta está ligada a um sentimento de estar velho ou a um estado de espírito. Essa pode ser determinada em cada cultura e cada tempo, os significantes sociais vão exercer seus efeitos sobre o sujeito.

Segundo Mucida (2006) o sujeito vê sua velhice a partir do olhar do Outro, é o retorno do olhar do Outro, a imagem que ele faz, que torna o sujeito velho ou não. Não existe para o sujeito uma sinalização concreta da sua velhice, pois velho será sempre o outro.

Com o avanço da idade o sujeito vivencia algumas perdas e fica mais vulnerável nesta fase, porém suas necessidades psicológicas e mentais permanecerem as mesmas, criando expectativa psicológica de que precisa manter-se como na juventude. Sob a ótica de alguns autores psicanalistas o sujeito não envelhece, essa está associada ao sentido do inconsciente que é atemporal, ou seja, não tem a passagem do tempo, os conteúdos do inconsciente não estão

ordenados pelo tempo e nem são regidos por ele, sendo assim, não sofrem nenhum desgaste pela ação deste. (MUCIDA, 2006; GARCIA ROZA, 2008).

Essa dicotomia expõe o sujeito a enfrentar uma imagem que não considera como sua, "um corpo que envelhece diante de um psíquico que permanece" e mais o que dizer do tempo externo que não pára e não cessa de dizer a esse sujeito que ele caminha para sua finitude? O sujeito em idade mais avançada é o tempo todo levado a encarar momentos que o coloca em situações de questionamentos sobre si. Na juventude os planos são formas de colocá-lo em um futuro, mas quando esse futuro está restrito com o tempo. Os planos serão vistas de forma diferentes (MUCIDA, 2006, p.35).

De acordo com Mucida (2006), os desejos de realização permanecem os mesmos, mas diante da idade cronológica é inevitável uma influência desta, pois quando se tem 90 anos os planos para o futuro inevitavelmente terão significados muito diferentes de quando se tem 20, por exemplo.

O que fazer com o desejo do sujeito, torna-se necessário um desinvestimento libidinal e se este se torna marcante na vida do sujeito e se ele não consegue ressignificar tais perdas "a velhice tomaria a forma de uma morte real ou psíquica" (MUCIDA, 2006, p. 30).

Contraopondo-se a temporalidade do eu está a atemporalidade do *isso*, associando velhice à vivência de finitude, marcada por uma ferida narcísica, seja pela impossibilidade de se adiar a realização do desejo, seja pela idéia de morte real (MUCIDA, 2006, p.35, grifo do autor)

O velho vê-se diante de um conflito, quase insolúvel, pois o inconsciente que não envelhece solicita deste atitudes, as quais, são incompatíveis com sua realidade externa que muitas vezes o impossibilita de realizá-las. Enfrentar os prováveis fracassos de não conseguir atender suas demandas internas, podem levar o sujeito a sentimentos de tristeza, de interiorizar a aproximação de sua finitude.

2.4 O envelhecer e suas perdas

Mucida (2006) explica que a velhice não chega para todos do mesmo modo e que os traços adquiridos nos primórdios da constituição do sujeito vão influenciar o modo de como o sujeito se relacionará com uma fase da vida com a idade avançada.

No decorrer do tempo de vida, pode-se notar uma certa alteração na percepção dos papéis sociais desempenhados pelo indivíduo, em que o sujeito em processo de envelhecimento, sente alterar os indicadores de sua identidade (SILVA; GÜNTHER, 2000).

Perdas como falta de papel social, mudanças de papel na família, no trabalho e na sociedade requer uma readaptação e reelaboração de sua nova forma de ver a vida, perdas múltiplas que vão da condição econômica, perda de decisão, perdas de parentes e amigos, da independência e autonomia, diminuição de contato social, da beleza da juventude são algumas das perdas que podem atingir o velho (ZIMERMAN, 2000).

É importante dizer que, ser parte do meio social implica em comunicação, troca de afetividade, sentir – se respeitado, valorizado e aceito no seu grupo, ou seja, ter um sentimento de pertencimento (ZIMERMAN, 2000).

O corpo físico que se modifica após a meia idade junto com todas as perdas objetais oriundas dessa fase, que se tornam maiores e as perdas sociais terão consequência sobre o narcisismo. No primeiro período o narcisismo seria o encontro inicial do eu com a sua imagem a reconhecendo a partir do Outro, o Outro idealizado, o eu ideal. Esse primeiro momento terá um efeito nas escolhas objetais futuras do sujeito. Para que essa escolha de objetos se tornarem não identificatórias como na primeira fase o sujeito terá que ter passado pelo processo secundário do

narcisismo onde ele poderá se reconhecer a si próprio além desse eu ideal e nessa disjunção se mostrar ao mundo como um ser que pode existir além desse Outro (MUCIDA, 2006).

Lacan (1999 apud MUCIDA, 2006) relata que no momento vivido pelo sujeito onde se opera narcisismo primário e secundário, encontra-se o momento onde o sujeito pode se colocar como sujeito possível de ser amado, onde ele mesmo fortalece seu ideal de eu, o que pode levá-lo a mais tarde, na velhice, apesar de todas as adversidades e perdas, manter-se bem consigo mesmo. O ideal do eu adquirido nas primeiras experiências do sujeito não se perdem, pois ficam gravadas no registro do sujeito, não importa quais as alterações ambientais.

Assim como Freud (1930/2006) defende que todas as vivências adquirida na vida infantil não são apagadas, a elas são incluídas as novas e assim, sucessivamente, durante todo o percurso da vida.

A estranheza que abate o sujeito diante da sua própria imagem na fase de vida avançada, requer um encontro do real com a realidade que forma um embate, acompanhado de um questionamento: será que sou eu este que vejo?

Messy (1999) propõe reflexões, referentes aos primeiros momentos de constituição do sujeito, onde este ao deparar-se com sua imagem no espelho, ingressa num movimento de identificação que possibilitará o surgimento do eu, do ideal do eu. No primeiro momento pela imagem do Outro, o eu ideal que ele se identifica, abre a possibilidade do surgimento do ideal do eu.

Na velhice ao deparar-se com a sua própria imagem no espelho o velho pode encontrar uma imagem não completa, com indícios de despedaçamento, um corpo finito, constituir-se, então, não seria caminhar para a formação de um ideal do eu,

mas diferente disso, se sobressai um "eu hediondo, repugnante, revelado pela queda do ideal (MUCIDA, 2006 p.109).

O pensamento sobre essa imagem não é restrito somente às alterações decorrentes do envelhecimento, como pele enrugada, cabelos brancos, essa imagem se refere aquela ideal da constituição do sujeito que foi marcada no início. Na criança essa imagem gera um conflito entre o eu e o eu ideal que poderá dar surgimento ao ideal do eu que por conseguinte inserirá a criança no mundo social, onde vai experienciar a possibilidade de ser amada, ou seja, com perspectivas futuras muito positivas. Já na passagem pela adolescência apesar das perdas e transformações que acontecem o sujeito vivencia um luto pelas perdas, mas é um luto de passagem, onde se perde para ganhar, pois têm-se possibilidades futuras de novas conquistas com o que se ganhou, a partir das perdas inerentes dessa fase. Já na velhice, esse movimento acontece numa inversão, pois nessa fase há uma vivência de muitas perdas em que só resta para o sujeito fazer o trabalho do luto, não traz perspectiva de melhoras (MESSY, 1992; MUCIDA, 2006).

Segundo Mucida (2006) até meados da década de 40, a expectativa de vida não ultrapassava 40 anos e, portanto, não havia um enfrentamento de um corpo que envelhece, porém com os avanços tecnológicos, a expectativa de vida chega a um ponto onde o sujeito é obrigado a encarar as alterações do corpo que são inerente a esta fase da vida.

O espaço de sublimação que antes é muito mais acessível, na velhice com a desvalorização social, quase não existe mais. No discurso atual da cultura onde tudo é substituído pelo novo, fato este que não permite, em geral, ao velho acompanhar esta mudança, tal é a velocidade de atualização, da tecnologia, beleza física, moda etc. Portanto, envelhecer numa cultura onde se privilegia a juventude, a velhice se

torna uma problema, se torna "uma das faces do mal estar da cultura". E assim envelhecer torna-se algo a ser tratado (MUCIDA, 2006, p. 112).

Na fase da velhice, fazer um trabalho de luto não é uma tarefa simples, pois ele chega de forma irreversível, tendo em vista que as perdas inerentes a essa fase se apresentam, contracenando com as conquistas que também podem ser vivenciadas na velhice e que auxiliam neste momento da vida. Mesmo que no geral, perdas sejam vivenciadas durante todo o percurso da vida, na velhice, a sua frequência impõe ao sujeito uma incessante reelaboração.

Ainda de acordo com Mucida (2006) o mal desfecho de um luto pode levar o velho para outros sintomas, como por exemplo uma perda que não se cura. A cultura que exclui o sujeito em idade avançada do meio social, pode causar a sua morte e neste contexto de exclusão, pode levá-lo a uma morte real. Portanto torna-se necessário a reinvenção contínua de novas formas de desejo, que é o que acontece desde os primórdios da constituição do sujeito, que é receber o olhar, o toque do Outro, e estes estão sendo perdidos nos dias atuais, pois o velho não está sendo mais tocado, olhado, desejado.

Messy (1999) faz a reflexão sobre as consequências das perdas na fase da velhice e diz que a perda de estima de si na velhice pode provocar no sujeito sentimentos de extrema tristeza, e que dependendo da sua organização psíquica anterior, pode levá-lo a um envelhecimento patológico.

Na hipótese do espelho quebrando apresentada por Messy (1999), que pode acontecer quando o sujeito atravessa a fase entre 50 e 60 anos, a imagem refletida no espelho não seria a mesma imagem refletida quando criança; em vez de uma imagem jubilatória alcançada pela criança, o velho veria uma imagem aflitiva como explica o autor: "A antecipação não é mais jubilatória, mas ao contrario, aflitiva, ou

retorno inesperado de uma inquietante estranheza, de um corpo fragmentado, cujo controle se perdeu, com uma projeção de dependência do outro, como uma nova alienação do ego [...]" (MESSY, 1999, p.65).

Firenczi (1921, apud MESSY, 1999, p. 58) diz que:

Ao envelhecer o homem tem a tendência a retirar as emanções da libido dos objetos de seu amor, e a voltar para seu próprio ego o interesse libidinal, do qual, dispõe provavelmente em menos quantidade. [...] As pessoas velhas tornam-se de novo - como crianças - narcísicas, perdem muito de seus interesses familiares e sociais, faltando-lhes grande parte de capacidade de sublimação.

Cabe contextualizar esse velho que está sendo retratado. O sujeito que se encontra numa velhice patológica, não consegue se sobressair a essas perdas, não simplesmente por causa de sua idade cronológica, mas o que se pode pensar é que houve uma falha na sua constituição, a qual não o habilita a conseguir lidar com suas faltas; faltas que permeiam a vida do jovem e do velho, portanto é importante frisar que esses sentimentos não são de propriedade única dos idosos, mas também, não se pode esquecer que nessa fase as perdas se acentuam, o que pode ser o estopim para gerar crises em determinados sujeitos.

3 REFLEXÕES E ARTICULAÇÕES DA PSICANÁLISE COM FRAGMENTOS ILUSTRATIVOS

Na pesquisa bibliográfica realizada, permitiu reflexões sobre fragmentos de casos ilustrativos. A discussão do trabalho realizada não tem a pretensão de analisar a literatura nem o cinema, mas usá-los como forma de reflexão. A psicanálise por sua riqueza de possibilidades, torna possível a produção de um olhar diferenciado sobre os temas que inspiram e movem o homem.

Silhol (1996) diz que por trás de uma produção sempre existe um autor, criador desta, que produz algo que é seu, com leis criadas por ele mesmo, para produzir, mas além deste existe aquele que vê, lê o que o autor criou, e o modo de ver, de ler vai depender desse outro que recebe a sua criação, que fará a sua leitura e tem possibilidade de dar o seu sentido para a criação. E assim ele explica:

Nessa construção de um sentido na leitura, cada leitor aparece assim como um intérprete particular, que funciona de acordo com o mesmo encaminhamento (estrutura) que o autor ao produzir seu texto, porém movido por um desejo inconsciente que pertence somente a ele. (SILHOL, 1996, p.672)

As reflexões aqui produzidas sobre a constituição do sujeito, melancolia, e envelhecimento, se direcionam para o pensamento de que o que está sendo revelado, é uma construção a partir do meu olhar, da minha subjetividade, uma produção particular de refletir sobre os fragmentos ilustrativos apresentados.

Os casos ilustrativos utilizados são relatos retirados de dois contos de Simone Beauvoir: "A mulher desiludida" e "A idade da discipulação", de uma cena do filme Elsa e Fred, de escuta do cotidiano e por último dos casos encontrados na revisão bibliográfica que contribuíram com questões discutidas sobre o tema.

A imagem externa, de um corpo com marcas que evidenciam a velhice é sem sombras de dúvidas uma das características que defronta o sujeito com a sua

condição de estar velho. Considerando um corpo que envelhece e um inconsciente que permanece intacto, pode-se pensar no conflito que possivelmente surge por não se reconhecer nesse corpo.

Messy (1999) e Mucida (2006) trazem a reflexão sobre ser velho a partir do olhar o Outro. O sujeito não vê sua velhice, senão a partir do olhar do outro. Esse pode ser o motivo pelo qual o sujeito não se reconheça velho e, muitas vezes, desconhece a sua própria figura ao depara-se no espelho.

Em alguns casos o não reconhecimento desse que habita o sujeito externamente leva-o a questionar-se sobre quem é este que vejo? Uma personagem de filme Elsa e Fred, que foi muito bela na juventude e hoje tem 80 anos. Durante o filme ela demonstra um interior jovial, mas a marca da velhice esta estampada em seu corpo já envelhecido. Daí o conflito do reconhecimento do corpo marcado pela velhice, num inconsciente que permanece jovem. Sempre ao acordar em sua ida ao toalete ela cumprimenta a sua imagem no espelho e diz: *"bom dia, estranha"* (FILME ELSA E FRED, 2005 , grifo nosso).

Freud (1919/2006) fala da experiência de não reconhecer-se diante da sua própria imagem no espelho e assim a descreve: que ele estava sozinho no quarto de um trem, quando com um movimento brusco abre a porta do toalete e uma pessoa que ele descreve como senhor já de idade entra pelo seu quarto, ele acredita que o senhor se enganou e por isso entrou no quarto errado, e de súbito, levanta para informá-lo sobre o equívoco, ao levantar-se percebe que, aquela figura que ele descreveu como senhor de idade, era ele mesmo. E ele ainda descreve que no primeiro momento, ele antipatizou totalmente com sua aparência.

Em uma experiência de escuta cotidiana uma senhora 74 anos que ao acordar alguns dias de um coma em um hospital, senta-se na cama e depara-se

que uma outra senhora mais a frente de seu leito e diz: "coitada daquela, tão velhinha, tá muito pior do que eu". Só depois ela percebeu que a imagem que ela via era a sua refletida no vidro localizado bem a frente de sua maca.

Ver-se com seus próprios olhos, se torna um impedimento narcísico. O sujeito nega sua velhice, aceitá-la poderia ser o mesmo que reconhecer a realidade da sua finitude. Essa condição não se assemelha com a primeira visão de encantamento com a própria imagem nos primórdios da constituição do sujeito, mas a uma apresentação insistente de um ser com possibilidade de não ser desejado.

Beauvoir (2010) descreve em seu conto "O tempo da discricção" uma mulher que na década de 50, já com mais de 60 anos, vive o conflito da idade. Ela já tinha superado a expectativa de vida para época e que as teorias do desenvolvimento tinham péssimas perspectivas de evolução para essa idade. Professora aposentada e escritora, e seu marido cientista também com mais de 60 anos, que não está satisfeito com a profissão, e que se sente incapaz de novas descobertas e culpa a idade por isso. Em meio a esse turbilhão de sentimentos acrescida da saída de casa do filho que se casou e tenta seguir outros rumos que não foram os idealizados pelos pais. Antes do filho sair de casa ela não se considerava velha, era mais otimista e criticava o marido pelo seu pessimismo diante da idade, mas diante da perda do filho acompanhada de críticas a seu último livro publicado a levou a questionamentos sobre seu próprio desempenho associado ao processo de envelhecimento.

Tal fato remete a uma reflexão sobre a velhice, a qual abate o sujeito, o embate entre o que eu sou e o que eu vejo externo a mim, o conflito e então, o que é possível dizer sobre o tempo, veloz enquanto ataca o sujeito o levando a enfrentar a sua finitude e, embora paralisado na angustia de pensar em um fim próximo. O que

se percebe é que mais uma perda para a pessoa em idade avançada, o faz pensar em todas as outras perdas provenientes de seu momento de vida. Perdas do contato social com a aposentadoria, perda da beleza física que é tão valorizada, além da proximidade da morte. Trechos citados a seguir mostram os conflitos que foram desencadeados nessa personagem, a partir da saída do filho de casa.

Quando o sujeito é privado de ocupar espaços que socialmente o valoriza como o trabalho, a aposentadoria pode ser uma perda muito significativa para o sujeito, e o coloque a refletir sobre o que é ser velho (ZIMERMAN, 2000).

Ser aposentado e ser um traste parece quase a mesma coisa [...] Há ocasiões em que me assombro. Lembro-me de meu primeiro dia posto, de minha primeira turma, das folhas mortas que rangiam sob meus passos no outono provinciano. Então, o dia da aposentadoria - distante de mim um lapso de tempo duas vezes mais longo, ou quase, que minha vida anterior - me parecia tão irreal quanto a própria morte. E eis que a um ano ele chegou. Ultrapassei outras barreiras, porém mais fluidas. Esta tem a rigidez de uma cortina de aço (BEAUVOIR, 2010, p. 12-13).

Percebe-se assim como foi apresentado por Messy (1999, grifo nosso), que marcos sociais informam ao sujeito sobre sua "condição de velho", mesmo que elas não sejam. Pode-se dizer que esse olhar social, olhar do Outro" pode provocar no sujeito, a sua confrontação com a velhice. Em alguns casos como o da personagem do conto pode trazer tristezas, aflições e exige um trabalho de luto e uma reelaboração dessa perda. Quanto ao corpo ela diz : "Estava descontente com meu corpo, Philippe tornara-se adulto. Após o sucesso do meu livro sobre Rousseau, sentia-me vazia. Envelhecer me angustiava" (BEAUVOIR, 2010, p. 17).

Quanto menos eu me reconheço em meu corpo, mais me sinto obrigada a me ocupar com ele. Está a meus cuidados e eu os trato com uma dedicação aborrecida, como a velho amigo meio desfavorecido, meio diminuído, que precisasse de mim (BEAUVOIR, 2010, p. 21).

A chegada da velhice coloca o sujeito no enfrentamento com sua finitude, e o tempo todo ele é levado a encarar essa vida sob sentença. Assim como Beauvoir relata em seu conto, Freud também em 1924 em uma carta a Lou -Andréas Solomé diz: "Suportei bem todas as realidades repugnantes, mas aceito mal as

possibilidades, não admito facilmente essa existência ameaçada de demissão" (MANNONI 1995 apud MUCIDA 2006, p. 43).

"[...] no oceano do tempo, eu era um rochedo batido por ondas sempre novas e que não se move nem se gasta. E, de repente, o fluxo me arrasta e me arrastará até que eu encalhe na morte" (BEAUVOIR, 2010, p. 66-67).

[...] Como suportaria a idade chegando? Como chorei naquele primeiro encontro com a morte! Pouco a pouco, chorei cada vez menos: meus pais, meu cunhado, meu sogro, os amigos. Também é isso envelhecer. Tantos mortos atrás de si, lamentados, esquecidos (BEAUVOIR, 2010, p. 75).

Segundo Messy (1999), a velhice chega de modo inesperado. Também Freud em 1921 com 65 anos diz "no dia 13 de março desse ano, entrei bruscamente na velhice verdadeira, desde então o pensamento de morte não me deixou" (JONES, 1975 apud MESSY, 1999 p. 30). Ao relatar essa entrada na velhice, Freud tinha nesse mesmo dia, se separado de seu filho que partiu para a Romênia.

As perspectivas futuras em outras fases da vida são um norte a ser traçado pelo o sujeito, na velhice o sujeito está muito imerso nos vários lutos que ele precisa superar em muitas vezes ele não vê motivos para melhoras. O sujeito então pode se perder nesse momento. (MESSY, 1992; MUCIDA, 2006).

Não prejudicar o futuro. Fácil de dizer. Eu o via. Ele se estendia diante de mim, a perder de vista, plano e nu. Nenhum projeto, nenhum desejo. Não escreveria mais. Então o que faria? Que vazio em mim, a minha volta! Inútil. Os gregos chamavam seus velhos de vespões. "Vespão inútil" diz Hécuba nas Troianas. Eram meu caso. Estava aniquilada. Perguntava-me como se consegue viver quando não se espera mais nada de si (BEAUVOIR, 1972/2010, p. 65, grifos do autor).

A idade cronológica, apesar de ser um marco social para designar a velhice, não é eficaz para definir o velho, levando em consideração essa afirmação, ao ler o conto "A mulher desiludida" refleti sobre ser velho e a não aceitação da perda de um objeto amado. Esse conto traz uma mulher de 46 anos, que se vê só quando as duas filhas saem de casa (uma se casa e a outra vai estudar em outro país), e seu marido tem um caso extraconjugal. Ele manifesta a intenção de conciliar os dois

relacionamentos, inicialmente ela aceita, mas a partir disso, sua vida se torna muito angustiante e melancólica, mesmo assim ela insiste em viver desse modo, por medo de perder esse homem que é tudo que lhe resta. Teve uma vida de renúncias para viver em prol da família, então não admitia ser abandonada, e vivencia momentos de muito sofrimento psíquico, por não aceitar essa perda.

Essa personagem, apesar de ter apenas 46 anos, corresponde ao retrato de uma velha, com sentimentos sobre si que remetem a uma pessoa melancólica. Se sente velha e culpada por tudo que aconteceu, na sua vida, pelo marido ter encontrado uma amante, pela filha ter saído de casa para estudar em outro país, pela outra filha ter seguido os mesmos passos dela e se tornado uma dona de casa. . E então se nomeia como culpada, odiosa e desprezível.

"[...] mas talvez ele tivesse razão de não me suportar mais. Então devo pensar que sou odiosa; desprezível, sem mesmo saber o porquê" (BEAUVOIR, 2010, p. 191).

"Tive essa manhã uma iluminação: tudo é culpa minha. Meu erro mais grave foi não compreender que o tempo passa" (BEAUVOIR, 2010, p. 213, grifo nosso).

Assim como na melancolia, o objeto perdido não pode ser reparado, a perda do marido seria o seu fim, porque ela existia a partir da existência dele. Assim como ela diz: "Eu me via tão tranquilamente em seus olhos. Eu só me via mesmo pelos seus olhos: uma imagem demasiada lisonjeira talvez, mas na qual, em conjunto me reconhecia" (BEAUVOIR, 2010, p.183).

A personagem não aceitando a perda infere-se, com a morte do marido pudesse compreender e aceitar essa perda, mas nessa confusão entre objeto perdido e o eu, torna-se difícil definir quem é ele e quem é ela, nesse relato angustiante. E assim ela se justifica:

A morte era horrível por ser possível, a ruptura suportável, porque eu não a imaginava. Mas realmente eu digo, se ele estivesse morto, eu saberia ao menos quem perdi e quem sou. Não sei mais nada. Minha vida atrás de mim desmoronou, como nesses terremotos em que a terra se devora a si mesma: ela se esboroa às nossas costas à medida que fugimos. Não há mais retorno. A casa desapareceu, e o vale todo. Mesmo que você sobreviva, nada mais resta, nem mesmo o lugar que você ocupou sobre a terra (BEAUVOIR, 2010, p.195).

Apesar dos relatos apresentarem aspectos negativos sobre a velhice, esta não é marcada só por perdas, mas também com conquistas, as quais algumas vezes, tem valor de sublimação para o sujeito. Se diante das perdas há possibilidade de estar inserido em grupos onde eles possam sentir-se pertencentes, possibilita ao velho contato com outras pessoas, motivando uma valorização de si. O contato social pode se tornar assim um meio de sublimação para o velho.

Mannoni (1995 apud MUCIDA, 2006, p.30) disse que "ser velho é um estado de espírito." Assim como também Freud relatou: "Eu tinha então 53 anos, sentia-me jovem e bem disposto. A curta estadia no Novo Mundo fez bem ao sentimento da minha auto-estima. Na Europa me sentia proscrito; aqui me via acolhido pelos melhores como um igual" (FREUD, 1924/1978 apud MESSY, 1999 p. 28).

Mucida (2006), ao falar da idade avançada diz que sentir-se velho ou não tem relação com o desejo, e este não tem idade. Então ser ou não velho vai estar ligado a um saber está aberta esse desejo. Ela cita uma fala de sua mãe aos 81 anos de idade que diz:

Para mim a velhice é mais uma experiência, sinto mais segura com o que eu quero. Para outros, ela é queixa de doenças e o pensar na morte. Não fico premeditando nem a vida nem a morte. Até hoje não acredito em velhice; estou velha de idade, de corpo, mas não me sinto velha; não uso a expressão "é a idade". Não gosto de falar de velhice, em idade; há alguns que, com 50 anos, se dizem velhos, talvez achem mais cômodo falar e pensar assim. Acho que não existe a velhice, e, se existe ela pode ser uma acomodação: se não posso comer uma coisa, como outra, se não posso fazer uma coisa, faço outra. Sinto-me mais segura, posso ensinar mais às pessoas, posso doar mais (MUCIDA, 2006, p. 32).

A velhice impõe então ao sujeito uma revisitação constante ao seu narcisismo e a sua castração. E essas inscrições iniciais, vão contribuir para que o sujeito

possa, apesar de todas as perdas que são inerentes a essa fase, não sucumbir a elas.

Assim como diz Messy (1999) se referindo a Freud e seu envelhecimento, que este, apesar de todas as perdas e do seu aparente negativismo, a cada melhora da sua doença, manifesta-se em constante de criação.

Mucida (2006, p. 43, grifo do autor) faz descreve assim a velhice de Freud:

O destino pessoal da sua velhice foi atravessado por muita dor, mas também pela inegável sustentação do seu desejo. Ele foi até o fim, um **sujeito responsável analiticamente** por sua própria história. Apesar de um real de um corpo que se deteriorava, da dor, do real da morte, havia algo em Freud que se mantinha inalterado e lhe permitia reinscrever sempre sobre o já inscrito. Ele foi um exemplo fiel de um sujeito que pode fazer novas inscrições sob a lógica de um outro tempo.

Como dito anteriormente, a velhice corresponde a algo particular que está relacionada às primeiras inscrições formadas, a partir da constituição do sujeito. Mas não se deve enxergar essa afirmação como um determinante, pois não se consegue mudar a estrutura psíquica de uma pessoa, mas ela pode construir significados diferentes caso lhe seja oportunizado o encontro com meios de sublimações, pelos quais o sujeito possa se encontrar, quer no grupo que ele participa, quer numa produção própria ou até mesmo, no processo analítico.

CONCLUSÃO

Ao propor estudar esse assunto de grande importância formando o envelhecimento como proposta de pesquisa como forma de um lugar que vai além dos problemas físicos e das perdas inerentes ao envelhecer, acreditei que a melancolia fosse algo que aparecesse e dominasse o sujeito que envelhece com maior frequência, como se esta fosse inerente à esta fase. Conforme fui aprofundando na minha pesquisa bibliográfica, pude perceber primeiro que ser velho não é só ter 70, 80 anos, e também que a melancolia não é um mal que assola o sujeito simplesmente porque ele está numa idade avançada.

O estudo permitiu compreender que ser velho no sentido negativo do termo, é valorizar mais as perdas do que as conquistas, é deixar de ter perspectiva de um futuro melhor, e perder a alegria de estar vivo. E esse mal não assola somente quem está em idade avançada, portanto ter 20 ou 30 anos não é nenhuma prova de jovialidade, existem pessoas velhas aos 20 anos, mostrando então que a melancolia faz parte da constituição do sujeito.

Quando se pensa num inconsciente atemporal com um corpo temporalizado é inevitável um conflito. A complexidade desse conflito é gigante aos meus olhos, mas o que essa pesquisa bibliográfica me ensinou é que o modo de enfrentamento do sujeito que se encontra nessa fase estará muito relacionada às primeiras inscrições vividas por ele nos seus primeiros anos de vida. Tal fato confirma que a melancolia não faz parte apenas do envelhecimento.

Essas fases são primordiais e vão contribuir para o modo de vida do sujeito no futuro. As teorias que envolvem a constituição do sujeito, de acordo com Freud, ao estudar o narcisismo, o complexo de Édipo, e a castração, assim como em Lacan

a importância do estágio do espelho, a triangulação, a função paterna, mostrando que essas estão atreladas à constituição estrutural do sujeito.

E portanto, quando rondava pela minha cabeça uma relação causal entre envelhecimento e melancolia, esta caiu por terra, pois a melancolia tem causa estrutural e portanto, pode atingir qualquer sujeito, em qualquer idade. A vida é permeada por perdas e apesar do fato de que na velhice elas se acentuam, remetendo o sujeito a lidar com sua falta o tempo todo, torna-se necessário criar meios de sublimação como recursos de vazão a essas perdas.

Na contemporaneidade observa-se uma tendência a desvalorizar a velhice, em decorrência do atual modo de vida voltada para o consumo, para a juventude, acredito na possibilidade de políticas públicas com programa que venham favorecer a valorização do velho, assim também como na clínica como um espaço de auto conhecimento, elevação da auto estima e auto imagem.

Muitos velhos continuam ativos nesta fase do desenvolvimento e estes, geralmente, vivenciam a velhice com muito otimismo. Existem vários programas, como os chamados grupos da terceira idade que se dedicam à atividades que promovem a inserção social, entre outras; são espaços que podem possibilitar o despertar de criatividade, sentimento de pertencimento e de valorização.

A realização desse trabalho teve por pretensão apresentar reflexões realizadas a partir do meu olhar, da minha subjetividade, sendo que teve um valor pessoal de sublimação. Neste sentido acredito ser importante outros profissionais e pessoas interessadas no tema a se integrar na busca pela compreensão e aprofundamento do tema proposto.

REFERÊNCIAS

AURÉLIO B. H. F. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro RJ: Editora Nova Fronteira S.A 2001.

BBC Brasil Atualizado em 29 de Agosto de 2013. Disponível em: http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130829_demografia_ibge_populacao_brasil_lgb.shtml Acesso 01, Out, 2013.

BEAUVOIR, S. *A mulher desiludida*. Rio de Janeiro RJ: Nova Fronteira, 2010.

Brasil. Lei Nº 8.842 - de 04 de Janeiro De 1994 - DOU DE 05/01/1994 Alterada pela Lei nº 10.741, de 1º/10/2003 Estatuto do Idoso - DOU DE 03/10/2003 Disponível em: <http://www010.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1994/8842.htm> Acesso em: 16 Jul. 2013.

CAMARANO A. A. Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição Demográfica In: FREITAS, E. V. et al. (Org.). *O Tratado de Gerontologia*. Rio de Janeiro RJ: Editora Guanabara Koogan S/A, 2002., p. 58-71.

CARDOSO, Marta Rezende; PARABONI, Patrícia. Dor física crônica: uma estratégia de sobrevivência psíquica?. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza , v. 10, n. 4, dez. 2010 Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000400007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 out. 2013.

CORAZZA, M. A. *Terceira Idade & Atividade Física*. São Paulo, SP: Phorte 2001.

CUKIERT, Michele; PRISZKULNIK, Léia. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan Uma contribuição à questão do corpo em Psicanálise: Freud, Reich e Lacan. *Estud. psicol.* (Natal), Natal , v. 7, n. 1, Jan. 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2002000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 Ago. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2002000100014>

DOR, J. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro RJ: Taurus Editora, 1994.

EDLER, S. Luto e Melancolia: à sombra do espetáculo. In: SAROLDI, N. et al.(Org.). *Para ler Freud*. Rio de Janeiro RJ: Civilização Brasileira 2008.

Elsa & Fred, Direção: Marcos Carnavale. Produção: José Antônio Félez; Satur Idarreta e Juan Carlos Gomes. Intérpretes: China Zorrilha; Manoel Alexandre; Bianca Portillo; Roberto Camaghi; José Ángel Egido e outros. Roteiro: Marcos Carnavale; Marcela Guety Lily Ann Martin [SI]: Colúmbia TriStar Films; Films de Argentina/Paris Filmes, 2005 (108min)

SOUZA FILHO, A. A.; A metáfora paterna In: CHECCHINATO, D.; SOBRINHO O. R.; STEFFER, R.; FILHO, A. A. S. *A clínica da Psicose*. Campinas SP: Papyrus, 1998, p. 67-101.

FONSECA, António M.. Subsídios para uma leitura desenvolvimental do processo de envelhecimento. *Psicol. Reflex. Crit.*, Porto Alegre , v. 20, n. 2, 2007 . Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722007000200014&lng=en&nrm=iso. access on 26 Ago. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722007000200014>.

FREUD, S. Sobre a psicoterapia. In *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago v. 7 (1905/1904)

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago v. 14 (1914)

FREUD, S. Luto e melancolia. In *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago v. 14 (1917 [1915])

FREUD, S. O Estranho. In *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago v. 17 (1919)

FREUD, S. O Ego e o Id. In *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago v. 19 (1923)

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago v. 19 (1924)

FREUD, S. O mal-estar da civilização. In *Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* Rio de Janeiro: Imago v. 21 (1929-1930)

IBGE Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios - PNAD 2002 Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2002/default.shtm#brasil>. Acessos em 01/12/2011 e 25/08/2013

IBGE Metodologia das Estimativas das Populações Residentes nos Municípios Brasileiros para 1º de Julho de 2008. Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2008/metodologia.pdf> acesso em 25/08/2013

KEHL, M. R., atualidade das depressões In KEHL, M. R., *A O tempo e o cão: a atualidade das depressões*, São Paulo, SP, 2009, p. 39-60.

KEHL, M. R., Melancolia e Fatalismo In KEHL, M. R., *A O tempo e o cão: a atualidade das depressões*, São Paulo, SP, 2009, p. 81-102.

LAMBOTTE, M. C. A despersonalização na melancolia; perspectivas críticas sobre as instâncias psíquicas. In: LABOTTE M.C. *O discurso melancólico: da fenomenologia à metapsicologia*. Rio de Janeiro RJ: Companhia de Freud, 1997 p.153-161.

LAMBOTTE, M. C. Melancolia In: KAUFMANN, P., *Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro RJ: Jorge Zahar Editor, 1996, p.325-330

LACAN, J., *O seminário, livro 4: relação de Objeto*. Rio de Janeiro RJ: Jorge Zahar Editor, 1956-1957/1995.

MAZO, G.Z., LOPES, M. A., BENEDETTI, T. B. *Atividade Física e o Idoso: Concepção Gerontológica* Porto Alegre, RS: Sulina. 2001.

MENDONÇA J. M. B. Estatuto do Idoso In: NETTO P. M et al. (Org.) *O Tratado de Gerontologia* São Paulo SP: Atheneu, 2007, p. 177-184

MERCADANTE E. Aspectos Antropológicos do Envelhecimento In: NETTO P. M et al. (Org.) *O Tratado de Gerontologia* São Paulo SP: Atheneu, 2007, p. 211-215.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice*, São Paulo SP: Editora Aleph, 1999.

MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice*. Belo Horizonte MG, 2006.

NÉRI A. L, *Desenvolvimento e Envelhecimento Perspectiva biológicas, psicológicas e Sociológicas* Campinas SP, Papyrus, 2001.

NÉRI A. L Teorias Psicológicas do Envelhecimento In: FREITAS E. V et al. (Org) *O Tratado de Gerontologia*. Rio de Janeiro RJ: Editora Guanabara Koogan S/A, 2002, p. 32-46.

NETTO P. M., O Estudo da Velhice no Século XX: Histórico, Definição do Campo e Termos Básicos In: FREITAS E. V et al. (Org) *O Tratado de Gerontologia*. Rio de Janeiro RJ: Editora Guanabara Koogan S/A, 2002, p. 2-12.

ORIGEM DA PALAVRA-SITE DE ETIMOLOGIA. Melancolia. Disponível em <http://origemdapalavra.com.br/palavras/melancolia/>, Acesso em 17 de Set, 2013.

RAHAL M. A, ANDRUSAITIS F. R, SGUIZZATTO G. T Atividade Física para o Idoso e Objetivos In: NETTO P. M et al. (Org.) *O Tratado de Gerontologia* São Paulo SP: Atheneu, 2007, p. 781-794.

RODRIGUES N. C, RAUTH J. (2002) Os Desafios do Envelhecimento no Brasil In: FREITAS E. V et al. (Org) *O Tratado de Gerontologia*. Rio de Janeiro RJ: Editora Guanabara Koogan S/A, 2002, p. 107-110.

GARCIA ROZA, L. A. -. *Freud e o Inconsciente*. Rio de Janeiro RJ: Jorge Zahar Editor, 2008.

SILHOL, R. Literatura e Psicanálise. In: KAUFMANN, P., *Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro RJ: Jorge Zahar Editor, 1996, p.671-678.

SILVA, I. R.; GUNTHER, I. A.. Papéis sociais e envelhecimento em uma perspectiva de curso de vida. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 16, n. 1, abr. 2000 . Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-

37722000000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 30 set. 2013.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722000000100005>.

QUINET, A.; *Teoria e clínica da Psicose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária 2003.

QUINET, A.; *Psicose e Laço Social Esquizofrenia, Paranóia, Melancolia*. Rio de Janeiro RJ : Zahar 2009.

ZIMERMAN G. I. *Velhice Aspectos Biopsicossociais* Porto Alegre RS: Artes Médicas Sul, 2000.